

Credor teme negociação

Prejuízos dos bancos podem afetar futuros acordos

Rio — Os problemas contábeis de alguns grandes bancos americanos, que tiveram seus lucros afetados pela moratória brasileira, com a suspensão do pagamento dos juros por tempo indeterminado, constituem mesmo um foco de problemas para o País renegociar sua dívida externa. A advertência é do ex-presidente do Banco Central, Paulo Lyra, acrescentando que embora ainda não devam surgir problemas nas negociações das linhas de crédito de curto prazo — US\$ 15 bilhões, a vencerem dia 31 — o quadro entre os principais credores do Brasil “é de preocupação, com a abertura do precedente”, referindo-se “à negociação com um país que decretou uma moratória”.

Paulo Lyra criticou as propostas e capitalização simples dos juros da dívida — o pagamento desses juros ao final de determinado prazo, e não mensalmente — e colocou uma proposta por ele defendida há dois anos, com um programa envolvendo desde o pagamento dos juros a partir do sexto ano do acordo até a desvinculação do sistema financeiro internacional.

Para ele, é justamente devido à ausência de um programa de pagamento da dívida, por parte do Brasil, que os bancos credores “insistem no interesse em colocar uma agência internacional — no caso o FMI — para monitorar a economia brasileira”.

O ex-presidente do Banco Central admitiu, entretanto, que num “quadro mais pessimista”, o Brasil poderia mesmo estatizar as agências de alguns bancos no exterior, no caso de faltarem os recursos destinados à sua sustentação, através dos empréstimos de curto prazo. “Mas a tendência é mesmo de, no final, se acomodarem essas negociações, embora isso não signifique a solução ideal para o País, e sim empurrar mais para adiante o problema de nossa dívida externa”, frisou.